

CAPÍTULO 42

DOI: <https://doi.org/10.58871/conbrasca.v4.42>

A IMPORTÂNCIA DE ABORDAR GÊNERO E SEXUALIDADE NAS PRÁTICAS DE SAÚDE VISANDO À PROMOÇÃO DA INCLUSÃO

THE IMPORTANCE OF ADDRESSING GENDER AND SEXUALITY IN HEALTH PRACTICES TO PROMOTE INCLUSION

CARLOS EDUARDO DA SILVA-BARBOSA

Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

ANA PEDRINA FREITAS MASCARENHAS

Enfermeira pela Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares/ Hospital Universitário Lauro Wanderley

MAXSUEL LUCAS ROCHA DIAS

Enfermeiro pelo Centro Universitário do Distrito Federal

SILVERIO GODOY DEL FIACO

Pós-graduando em saúde da família e comunidade pela universidade federal de Santa Catarina

ANDRÉ SOUSA ROCHA

Mestre em Psicologia - Universidade São Francisco. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Inta - Uninta - Campus Itapipoca

LEONARDO PINHEIRO GOMES

Professor de Psicologia da Faeterj/Rede Faetec. Doutorando em Psicologia no PPGPSI/UFRRJ.

DÁGILA VASCONCELOS RODRIGUES

Mestranda em Psicologia e Políticas Públicas pela Universidade Federal do Ceará. Especialista em Saúde Mental e Redução de Danos (Faculdade de Quixeramobim). Psicóloga (Universidade Federal do Ceará)

YASMIM XAVIER ARRUDA COSTA

Bacharel em fisioterapia pela Universidade Potiguar, Natal - Rio Grande do Norte

KALINE SILVA MENESES

Enfermeira, pós-graduanda em informática em saúde pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

ELISANE ALVES DO NASCIMENTO

Enfermeira - Santa Casa de Misericórdia de Sobral

RESUMO

Objetivo: Apresentar a vivência de estudantes e profissionais da área da saúde em relação à importância de integrar a temática de gênero e sexualidade como práticas inclusivas.

Metodologia: Desenvolvemos um estudo descritivo e qualitativo, do tipo relato de experiência, envolvendo a participação de 10 discentes e profissionais da saúde. O grupo se reuniu virtualmente em janeiro de 2023, por meio da plataforma Google Meet, durante um encontro de duas horas. A atividade contou com a presença de estudantes e profissionais das áreas de Psicologia, Medicina, Enfermagem e Fisioterapia, enfatizando a relevância do diálogo multidisciplinar. **Resultados e Discussão:** Destacamos a necessidade de abordar as dificuldades enfrentadas pela população LGBTQIA+ ao acessar serviços de saúde. Problemas como tratamento inadequado por parte dos profissionais, falta de reconhecimento do nome social e outras questões foram discutidos. Também observamos a complexidade que as equipes multiprofissionais enfrentam ao lidar com o atendimento direcionado a essa comunidade, podendo impactar negativamente tanto na saúde física quanto emocional, inclusive associado a transtornos de ansiedade e depressão, podendo levar a ideação suicida e sua concretização. **Considerações Finais:** Acreditamos que este relato de experiência pode servir como base para pesquisas futuras, seja por meio de revisões bibliográficas ou estudos de campo. O objetivo é aprofundar o entendimento e fortalecer a inclusão no ambiente acadêmico, profissional e na sociedade em geral.

Palavras-chave: Gênero; Inclusão; Sexualidade.

ABSTRACT

Objective: To present the experience of students and health professionals in relation to the importance of integrating the themes of gender and sexuality as inclusive practices. **Methodology:** We developed a descriptive and qualitative study, of an experience report type, involving the participation of 10 students and health professionals. The group met virtually in January 2023, through the Google Meet platform, during a two-hour meeting. The activity was attended by students and professionals from the fields of Psychology, Medicine, Nursing and Physiotherapy, as well as participants from the field of Law, emphasizing the relevance of multidisciplinary dialogue. **Results and Discussion:** We highlight the need to address the difficulties faced by the LGBTQIA+ population when accessing health services. Problems such as inadequate treatment by professionals, lack of social name recognition and other issues were discussed. We also observed the complexity that multidisciplinary teams face when dealing with care directed to this community, which can negatively impact both physical and emotional health, including associated with anxiety and depression disorders, which can lead to suicidal ideation and its implementation. **Final Considerations:** We believe that this experience report can serve as a basis for future research, whether through literature reviews or field studies. The objective is to deepen understanding and strengthen inclusion in academic, professional environments and society in general.

Keywords: Genre; Inclusion; Sexuality.

1 INTRODUÇÃO

Inicialmente, é fundamental aprofundar os conceitos de sexo, gênero, identidade de gênero e orientação sexual. Inicialmente, serão delineadas as diferenças entre sexo e gênero. Acerca dessa distinção, Jesus (2012, p. 8) destaca que:

Sexo é biológico, gênero é social, construído pelas diferentes culturas. E o gênero vai além do sexo: O que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a autopercepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente.

Dessa forma, o termo "sexo" pode abranger tanto os aspectos biológicos quanto as relações sexuais e o ato sexual, enquanto "gênero" é uma construção social que reflete como uma pessoa se percebe e se expressa no mundo (Jesus, 2012). O sexo biológico de um indivíduo pode ser classificado como masculino, feminino ou intersexo, sendo este último utilizado para descrever pessoas que nascem com características associadas aos gêneros masculino e feminino. Anteriormente, essas pessoas eram denominadas hermafroditas, termo que caiu em desuso devido à sua conotação biologizante (Sepulveda; Correa; Freire, 2021).

Quando se trata de gênero, entendido como uma dimensão social e cultural que transcende os limites do sexo biológico, é relevante distinguir entre pessoas cisgênero e transgênero. Cisgênero refere-se a indivíduos que se identificam com o sexo atribuído ao nascimento. Assim, quando alguém se identifica como homem cisgênero ou mulher cisgênero, significa que ela se identifica com o gênero atribuído no nascimento. Por outro lado, uma pessoa transgênero não se identifica com as características associadas ao seu nascimento, podendo, por exemplo, uma mulher nascer com genitália feminina, mas identificar-se como homem transgênero (Sepulveda; Correa; Freire, 2021).

Atualmente, parte da sociedade utiliza os termos "homem trans" e "mulher trans" para atualizar essas definições. Contudo, o termo "trans" abrange diversas identidades, como transgênero, transexual e travesti. Transgênero refere-se a indivíduos que não se identificam com o gênero biológico, enquanto transexuais são aqueles que, além de não se identificarem com o gênero biológico, passam por transição social, por meio de procedimentos cirúrgicos e/ou hormonais, para alinhar sua aparência à identidade de gênero desejada. O termo "travesti" é associado a pessoas que nascem no sexo masculino, mas adotam expressões e vestimentas femininas. Alguns estudiosos sugerem o uso do termo "a travesti". Além disso, essa escolha é vista como uma opção política, relacionada às lutas das pessoas transexuais e transgêneras no Brasil (Sepulveda; Correa; Freire, 2021).

Outros termos relevantes, conforme expresso por Sepulveda, Correa e Freire (2021), incluem "não-binário", usado para descrever indivíduos que se identificam para além dos binarismos masculino e feminino, e "agênero", referente a pessoas que não se consideram em nenhum desses dois gêneros.

Quanto à orientação sexual, ela está relacionada à atração afetiva e/ou sexual por determinados gêneros, podendo não ser permanente e passível de mudanças ao longo da vida (Jesus, 2012). Sobre a orientação sexual, termos como "opção sexual" ou "preferência sexual" foram utilizados no século passado, sendo substituídos pelo termo "orientação sexual". Movimentos surgiram para esclarecer que os indivíduos não escolhem ou optam por quem sentirão atração, consolidando assim o uso do termo "orientação sexual" (Simões; Facchini, 2009).

No que diz respeito à questão de não escolher a direção dos desejos sexuais e amorosos, Simões e Facchini (2009, p. 31) afirmam que

Do ponto de vista do conhecimento científico disponível, há pouca coisa que se possa dizer com segurança. Existem várias teorias biológicas, psicológicas e sociológicas acerca de qual seria o fator determinante da orientação sexual, mas não há, até agora, nenhum estudo conclusivo. Nem mesmo se pode afirmar que a orientação sexual seja algo que se consolide e se fixe definitivamente em um determinado período da vida para todas as pessoas, embora isso venha a ser relatado com grande frequência.

Com base nas definições apresentadas, este estudo surge a partir da seguinte indagação central: por que é importante abordar gênero e sexualidade como práticas integrativas? Como hipótese para esta questão, destaca-se a persistência ao longo do tempo da cultura de heteronormatividade, entendida como "um processo de regulação sexual, em que a heterossexualidade é instituída como única possibilidade legítima de vivência da sexualidade" (Sales; Paraíso, 2013, p. 605). Em outras palavras, esse conceito está vinculado à ideia de que apenas são socialmente aceitáveis as relações entre pessoas de sexos/gêneros diferentes, enquanto orientações sexuais que diferem da heterossexualidade são alvo de discriminação. Esse contexto reforça a importância de defender práticas inclusivas para todas as pessoas discriminadas devido à sua não conformidade com a heterossexualidade. Assim sendo, o propósito deste trabalho é compartilhar a experiência de estudantes e profissionais da área da saúde acerca da necessidade de abordar gênero e sexualidade na saúde como práticas inclusivas.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo e qualitativo, no formato de relato de experiência, no qual discentes e profissionais da área da saúde se reuniram para discutir sobre gênero e sexualidade na saúde, bem como as necessidades de promover diálogos inclusivos. O estudo descritivo caracteriza-se por narrar fatos e situações relacionados a determinados temas e

fenômenos, sendo os relatos de experiência amplamente utilizados por profissionais e estudantes nas áreas de saúde, ciências humanas e ciências de modo geral (Daltro; Faria, 2019).

A experiência narrada ocorreu em janeiro de 2023, por meio de um encontro virtual na plataforma Google Meet, com uma duração de duas horas. Participaram da atividade estudantes e profissionais das áreas de Psicologia, Medicina, Enfermagem e Fisioterapia, ressaltando a relevância do diálogo multidisciplinar.

No que diz respeito aos procedimentos éticos, não foi necessário submeter o estudo ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), uma vez que a experiência narrada aborda o que ocorreu entre os próprios participantes e autores deste estudo, sem causar danos ou prejuízos à população em geral.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, os participantes começaram por discutir as lutas e necessidades da comunidade LGBTQIA+. Vale ressaltar que um dos marcos mais significativos desse movimento foi a "Revolta de Stonewall" em 1969. O Stonewall Inn, um bar frequentado por homens gays e mulheres lésbicas nos Estados Unidos da América (EUA), foi invadido pela polícia em 28 de junho do mesmo ano, resultando em atos de violência contra os frequentadores LGBTQIA+. Esse incidente desencadeou uma resistência e enfrentamento à violência policial, culminando em um movimento que se espalhou por diversos países. Um ano após os eventos de Stonewall, 10.000 pessoas se reuniram em Nova York para celebrar a data, marcando o início das passeatas gays que se tornaram recorrentes em todo o mundo, incluindo a expressiva marcha ocorrida em São Paulo em 2019, que reuniu três milhões de pessoas (Silva, 2016).

Apesar da discriminação enfrentada pela comunidade LGBTQIA+, os esforços desses movimentos resultaram em conquistas significativas. A resolução n.º 175/2013 do Conselho Nacional de Justiça, por exemplo, permite a habilitação e celebração de casamento civil entre pessoas do mesmo sexo e/ou gênero, seguindo o reconhecimento das uniões homossexuais pelo Supremo Tribunal Federal (STF) em maio de 2011. Em 28 de junho de 2011, Dia Internacional do Orgulho Gay e da Consciência Homossexual, ocorreu o primeiro casamento entre homens homossexuais no Brasil, na cidade de Jacareí, em São Paulo (Scorsolini-Comin, 2011).

Apesar desses avanços, a comunidade LGBTQIA+ ainda enfrenta desafios no acesso aos serviços de saúde. As dificuldades incluem tratamento inadequado por parte dos profissionais de saúde, falta de aceitação do nome social e outros desafios. Além disso, as equipes multiprofissionais muitas vezes enfrentam obstáculos ao lidar com o atendimento

voltado para essa comunidade, o que pode afetar tanto o aspecto físico quanto emocional, contribuindo para transtornos de ansiedade, depressão e até mesmo ideação suicida. Observa-se também uma lacuna nos currículos universitários em relação a essa temática, o que leva alguns profissionais a se sentirem desconfortáveis e pouco preparados para lidar com esse grupo, evidenciando uma problemática cultural enraizada na heteronormatividade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa dessa experiência ressalta a importância de sensibilizar a população acadêmica, os profissionais de saúde e a comunidade em geral para refletir sobre a implementação de práticas inclusivas voltadas para a população LGBTQIA+. Torna-se imperativo abordar a diversidade sexual e de gênero como aspectos intrínsecos e inerentes ao ser humano, com o objetivo de dismantelar tabus, estereótipos e preconceitos enraizados na sociedade.

Acredita-se que este relato de experiência, enquanto pesquisa, pode servir como ponto de partida para o desenvolvimento de outras investigações, abrangendo tanto levantamentos bibliográficos quanto pesquisas de campo. O intuito é aprofundar o conhecimento e fortalecer iniciativas que promovam a inclusão, tanto no âmbito acadêmico e profissional quanto na sociedade em geral.

REFERÊNCIAS

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Resolução nº 175, de 13 de maio de 2013. **Dispõe sobre a habilitação, celebração de casamento civil, ou de conversão de união estável em casamento, entre pessoas de mesmo sexo.**

DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião, 2012.

SALES, Shirlei Rezende; PARAÍSO, Marlucy Alves. O jovem macho e a jovem difícil: governo da sexualidade no currículo. **Educação & Realidade**, v. 38, p. 603-625, 2013.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio. O Brasil homossexual em retrato: articulações entre direitos humanos, literatura e arte. **Paidéia**, v. 21. n. 50, p. 437-439, 2011.

SECRETARIA DA JUSTIÇA E CIDADANIA. **Calendário das datas afirmativas.** 2021.

SILVA, Marcos Aurélio da. Numa tarde qualquer: uma antropologia da Parada da Diversidade em Cuiabá e da cultura LGBT no Brasil contemporâneo. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 10, n. 15, p. 101-130, 2016.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009. 196 p.

SEPULVEDA, Denize; CORREA, Renan; FREIRE, Priscila. **Gêneros e sexualidades**: noções, símbolos e datas. Rio de Janeiro, 2021.

TAGLIAMENTO, Grazielle *et al.* Minha dor vem de você: uma análise das consequências da LGBTfobia na saúde mental de pessoas LGBTs. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 6, n. 3, p. 77-112, 2020.